## GT 021. Antropologia e tecnociência: teorias, métodos e

Fabíola Rohden (UFRGS) - Coordenador/a, Marko Synésio Alves Monteiro (UNICAMP) - Coordenador/a, Jane Araújo Russo (IMS-UERJ) - Debatedor/a, Fabrício, Monteiro Neves (Universidade de Brasília) - Debatedor/a, Guilherme José da Silva e Sá (Departamento de Antropologia - UnB) - Debatedor/a) o objetivo deste GT ? promover a

discuss?o sobre as interfaces entre ci?ncia, tecnologia, sociedade e poder, a partir da produ??o antropol?gica contempor?nea. Dessa forma, busca ampliar o espa?o de discuss?o do campo da Antropologia da Ci?ncia e da Tecnologia, tanto no sentido de consolidar debates em andamento quanto na inten??o de refletir sobre as perspectivas dessas investiga?es para o futuro. Temas como biossocialidades, biomedicaliza??o, pr?ticas de produ??o de conhecimento em laborat?rios e as interfaces entre conhecimentos cient?ficos e n?o cient?ficos t?m sido muito investigados em anos recentes. Ao lado desses temas, quest?es como as rela?es entre humanos-n?o humanos (dentro e fora de institui?es cient?ficas), redes de produ??o de ci?ncia e tecnologia e as intera?es entre "n?s" e cosmologias n?o ocidentais v?m dando cada vez mais densidade ? reflex?o antropol?gica. Ao lado da renova??o dos temas de pesquisa, antrop?logos/as envolvidos com a tecnoci?ncia v?m tamb?m ajudando a reconstruir teorias. Seja na cr?tica da Teoria Ator-Rede, ou no efervescente campo dos Estudos Sociais da Ci?ncia e da Tecnologia, temas como associa?es, performactivity e pol?ticas ontol?gicas v?m ganhando terreno na an?lise social, com forte participa??o de antrop?logos/as e do m?todo etnogr?fico. O GT buscar? reunir trabalhos que ajudem a construir uma reflex?o sobre o papel que a Antropologia vem tendo nesse cen?rio de reflex?es.

## A testosterona faz mal? Reflexões antropológicas sobre o uso masculino de um hormônio.

## Autoria: Lucas Tramontano

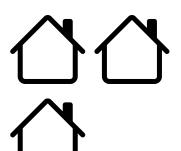
Esse work parte de minha tese de doutorado, cujo objetivo foi discutir as múltiplas vidas da molécula testosterona em diferentes corpos masculinos, através de relatos de história de vida de homens cis e trans, de diferentes idades, raças/cores e orientações sexuais. O presente recorte trata de uma preocupação frequentemente levantada acerca do uso do hormônio: a testosterona faz mal? Na tentativa de responder a essa pergunta, e inspirado pelo ensaio de Peter Fry e Sérgio Carrara sobre a origem da homossexualidade, construí um quadro com as principais posições sobre a polêmica decisão de usar uma substância química para instaurar uma modificação corporal. Ao que tudo indica, tomar ou não testosterona é balizado por decisões mais morais que sanitárias, e surgem justificativas que poderíamos classificar como progressistas e conservadoras, tanto a favor como contrárias ao uso. Do lado favorável, temos a indústria farmacêutica, numa perspectiva de maximização de lucros e expansão do biocapital; e um discurso mais pós-estruturalista e ativista, que busca autonomia através de usos não legitimados (e muitas vezes ilegais) do hormônio, notadamente numa lógica de recusa ao binarismo de gênero. Do lado oposto, criticando o uso (desde que não associado a um diagnóstico), está o discurso oficial da medicina, fatalista e estereotipado, que mal esconde certo corporativismo e reserva de mercado; e, fechando o quadro, emerge um discurso comum no campo de estudos da medicalização e em parcela da militância feminista, que vê no uso de hormônios um domínio excessivo da biomedicina sobre os corpos, baseado também numa discussão de autonomia. Entre todos esses discursos, estavam meus interlocutores, que se valem dessas diferentes posições em diferentes contextos: justificar a própria escolha, indicar ou não a substância para outro homem, ou para explicar



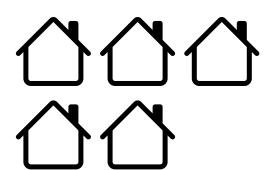
complicações oriundas do uso da testosterona (no outro). Assim, foi possível refletir acerca das complexas relações de poder que envolvem o uso do hormônio em diferentes contextos interseccionais, que confundem dicotomias frequentemente associadas ao uso de medicamentos para fins de aprimoramento, como natural/artificial, legal/ilegal, e, principalmente, controle/autonomia. Em última instância, a própria pergunta ? testosterona faz mal? ? faz pouco sentido, e suas respostas mais comuns tendem a um achatamento irreal (e contrariado pelos dados empíricos) da polissemia que envolve a testosterona. Por fim, cabe ressaltar que, ainda que tal quadro seja pensado no caso específico da testosterona, a proposta desse work é justamente refletir sobre sua expansão e aplicabilidade para o uso de medicamentos de forma mais ampla, ao menos para aqueles que afetam questões culturalmente associadas ao gênero e/ou à sexualidade.

Trabalho completo

Realização:



Apoio:



Organização:

